

COLONIZAÇÃO E CIÊNCIA EM A *TERCEIRA METADE*, DE RUY DUARTE DE CARVALHO

COLONIZATION AND SCIENCE IN A *TERCEIRA METADE* BY RUY DUARTE DE CARVALHO

Juliana Campos Alvernaz¹

Recebimento do Texto: 12/10/2021

Data de Aceite: 08/11/2021

RESUMO: Pretende-se, neste artigo, refletir sobre as diferentes representações da ciência produzida no período colonial no romance *A Terceira Metade*, do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, tendo em vista as consequências da “biblioteca colonial” e de que maneira ela é reapropriada pelos personagens da narrativa. Percebe-se, pelos indícios discurso-narrativos, que os personagens Trindade e Severo desenvolvem, de diferentes maneiras, encontros da colonialidade, considerando, principalmente, os espaços de fronteira entre Angola e Namíbia.

PALAVRAS-CHAVE: Ruy Duarte de Carvalho. Colonização. A terceira metade.

ABSTRACT: In this paper, we intend to reflect about the different representations of Science produced in the colonial period in the novel *A Terceira Metade*, by the Angolan writer Ruy Duarte de Carvalho, considering the consequences of the “colonial library” and how it is reappropriated by the characters of the narrative. It can be seen from the discourse-narrative evidence that the characters Trindade and Severo develop, in different ways, confrontations with coloniality, mainly considering the border spaces between Angola and Namibia.

KEYWORDS: Ruy Duarte de Carvalho. Colonization. A terceira metade.

¹ Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio. Mestra em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Letras Português/literaturas pela UFF. E-mail: jcalvernaz@id.uff.br.

“(…) a colonização tem de ser feita cientificamente, dando a esta palavra o seu significado mais vasto ... a criação de um instituto de investigação científica colonial...” (CARRISO, Luiz apud AMARAL, 2005, p.21)

Introdução

A citação em tela trata-se de um fragmento do discurso do botânico português Luiz Wittnich Carriso² (1886 –1937), proferido em sua conferência *Ocupação Científica das Colônias Portuguesas* na 1ª Exposição Colonial Portuguesa no Porto ocorrida em 1932. Sabe-se que essa exposição foi uma construção da propaganda das políticas coloniais do salazarismo, marcada por uma orientação imperial que visava o processo civilizatório das populações das então colônias africanas, bem como a criação de uma imagem grandiloquente do país além-mar.

Professores do Departamento de Botânica da Universidade de Coimbra, onde Carriso foi professor e diretor nas décadas de 1920 e 1930, publicaram o livro de cunho biográfico *Missão botânica – Angola 1927-1937* (2005), o qual consiste em uma apresentação da vida e obra de Luiz Carriso, com o foco em suas expedições botânicas no continente africano com o fito de preservar a “valorização da vida cultural desta instituição [Departamento de Botânica da UC]” (p.7).

Nesse mesmo discurso, Carriso critica o governo salazarista por ter brandas ambições em relação ao que ele considera atraso na investigação científica colonial. Fátima Sales (2005, p. 23) define seu comportamento como paternalista e cristão, equiparando-o a posturas de missionários e outros doutores. Essas posturas e perspectivas fazem parte do que o filósofo congolês V. Y. Mudimbe (2019) denominou de “biblioteca colonial”, que seriam os estudos e a crítica sobre África a partir de uma visão eurocêntrica, discursos principalmente de missionários, viajantes exploradores e antropólogos evolucionistas/funcionalistas. Ao usarmos esse termo no presente artigo, referimo-nos a essa definição de Mudimbe.

Nesta última conferência, o botânico indaga o progresso brando de Portugal em relação ao colonialismo nas colônias, principalmente no campo

² Em algumas fontes, o nome do botânico está grafado “Luís”, em outros, “Luiz”. Optei pela segunda grafia, pois é a utilizada no livro *Missão Botânica*.

da ciência, e instiga, impacientemente, segundo Sales, a aceleração da investida de Portugal em suas “próprias terras” no “além-mar”. A fala é marcada por um sentimento de atraso, visto que cientistas de outros países já iam nas colônias portuguesas para a exploração do conhecimento: “E essa verdade é que, em matéria de investigação científica colonial estamos numa fase de grande atraso, senão de decadência” (AMARAL, 2005, p. 22). Ele assumia, assim, uma postura colonialista paternalista e cristã perante África.

Situo Luiz Carriso no prelúdio deste artigo para iniciar uma reflexão sobre a relação tênue e complexa entre ciência e colonização no romance *A terceira metade* (2009), terceiro livro da trilogia *Os filhos de Próspero*, do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho; já que o referido botânico surge nessa narrativa como personagem-citação³ (CARVALHO, 2009, p. 101). Carvalho, que possui uma obra multiartística substancialmente anticolonial, cria pontos de encontro entre diversas representações de angolanos e doutores brancos europeus, promovendo cenas *sui generis* que fogem do senso comum e dos binarismos próprios da “biblioteca colonial”. É mister destacar que o presente argumento se encontra em desenvolvimento em minha pesquisa de doutoramento. Dessa maneira, o que escrevo aqui configura uma parte desse desenvolvimento. Além disso, destaco que, apesar de abordar a ciência europeia dos séculos XIX e XX de forma crítica, esta abordagem se afasta peremptoriamente de um discurso de negacionismo científico crescente no Brasil hodierno.

2. A biblioteca colonial em questão

Phillipe Descola finaliza sua conferência *Outras naturezas, outras culturas*, em 2007, ressaltando o que as grandes civilizações que alargam o império têm em comum: “as mesmas preocupações em relação ao controle, ao conhecimento e ao desejo de normatização de populações que parecem um pouco fora do comum” (2016, p.58). Parece que esses três pontos elencados pelo antropólogo francês possuem uma relação interdependente, já que o conhecimento pode ser uma ferramenta para a manutenção da relação de controle, o que resultaria em normatização e consequente intolerância com a diferença.

³ Nas narrativas duarteanas, há uma profusão de citações e pessoas históricas que surgem ficcionalizadas. Em alguns momentos, como é o caso de Luiz Carriso, não há uma definição entre citação e personagem. Por isso, tenho denominado essas ocorrências, em minha pesquisa, de personagem-citação.

Nesse sentido, a forma de lidar com o outro no Ocidente é atravessada por uma criação da imagem deste diferente do padrão hegemônico homem, branco, europeu, cisgênero. Essas imagens se inserem no contexto de mudança de paradigma, priorizando a razão iluminista (a partir do século XVIII). Mary Louise Pratt (1999), em seu estudo sobre a história da ciência natural e as narrativas de viagens, compreende essa mudança de pensamento humano e seu consequente imaginário como uma forma racionalizadora e padronizadora do domínio ocidental em lidar com o restante do planeta. A essa apreensão eurocêntrica e intolerante com a diversidade de outros espaços, Pratt denomina de “nova consciência planetária”:

(...) uma versão marcada pela tendência à exploração do interior e pela construção do significado em nível global por meio dos aparatos descritivos da história natural. Esta nova consciência planetária, como sugiro, é elemento básico na construção do moderno eurocentrismo (PRATT, 1999, p. 42).

Ao encontro dessa consciência planetária, o sociólogo moçambicano Carlos Serra (2015, p. 9) chama a atenção para essa mentalidade alinhada a uma “dehistorização” e liquefação do social no natural, “na natureza enfim”. O autor parte do discurso proveniente da “biblioteca colonial” – apesar de não usar o termo de Mudimbe – para apontar a relação entre colonialismo, ciência natural e antropologia. Isso porque o empenho colonial inicial, segundo ele, consistiu em “catalogar os colonizados por tribos, ao mesmo tempo que se inventariavam os seus costumes, as suas formas de parentesco, os seus hábitos alimentares e sexuais, as suas línguas, etc” (SERRA, 2015, p. 8). Cito novamente Serra:

Esse trabalho [catalogar os colonizados] foi levado a cabo com a infinita paciência dos entomólogos. Aliás, o famoso missionário Henri Junod colecionou primeiro escaravelhos e borboletas antes de se dedicar a *coleccionar* os “bantos” da África Austral, com o mesmo fervor taxidermista e biologizante.” Junod diz: “A vida de uma tribo do sul da África é um conjunto de fenômenos biológicos que devem ser descritos objectivamente, pois representam uma fase do desenvolvimento humano. (SERRA, 2015, P. 8)

Observa-se que Junod biologiza os africanos, analisando-os no mesmo patamar que animais. Antes de prosseguir, cabe abrir um parêntese para lembrar que essa perspectiva biologizante se difere – e muito – da cosmologia dos pastores de considerarem todos seres vivos importantes para o equilíbrio da vida e de não-hierarquização das espécies. Isso porque Junod, e muitos antropólogos e humanistas dos séculos XIX e XX, destacam o homem branco ocidental europeu como seres superiores, não comparáveis com animais, por exemplo. Numa distinção entre cultura e natureza, que é base de grande parte do pensamento ocidental, como detalha também o já citado Descola, Bruno Latour (1994) teoriza sobre as duas grandes divisões internas do pensamento, estreitando a relação com a antropologia Ocidental assimétrica, que é mais audaciosa em relação aos estudos dos outros e **tímida** aos estudos de si mesma (1994, p. 100). Fecho o parêntese.

Outro campo de estudo Ocidental que teve relações primevas com o colonialismo, e que também se instala de forma crítica na escrita duarteana, é a antropologia⁴. O etnógrafo francês Michel Leiris (2011) escreveu um ensaio sobre os laços estreitos entre etnografia e colonialismo. O etnógrafo, em sua origem, esteve à serviço do império para entender os “selvagens” para subjugar-los mais facilmente depois. Para estabelecer uma conexão entre Leiris e Descola, vejamos a seguinte citação do escritor de *Outras culturas, outras naturezas*:

A eficácia com a qual a Europa instaurou sua dominação colonial sobre grande parte do mundo vem daí, dessa curiosidade pelo outro, por compreender as diferenças, por sistematiza-las em classificações. (...) Desse ponto de vista, a antropologia é, sem dúvida, filha da expansão colonial (DESCOLA, 2016, p. 55).

Considerando essa questão levantada por Leiris e Descola, surge no horizonte um questionamento atravessado por uma contradição: como o escritor Ruy Duarte de Carvalho, como intelectual anti-colonialista, assume-se como etnógrafo? Há uma contradição imbricada nesse duplo esforço político-intelectual? Ao mesmo tempo que critica a tradição etnográfica, assume-a?

Para ir de encontro a essa antropologia filha da colonialidade, Leiris

⁴ Inclusive, há uma recorrência dos estudos da representação da antropologia e etnografia nas narrativas de Ruy Duarte de Carvalho feitos pela fortuna crítica do autor.

aspirava por uma etnografia que almejasse, sobretudo, “servir os interesses e as aspirações dos povos actualmente colonizados (tal como eles mesmos a possam entender)”. Ruy Duarte trabalhou nessa mesma chave de pensamento, basta lembrar dos filmes etnográficos que ele dirigiu em um contexto de luta de libertação para angolanos conhecerem seus próprios povos e tematizava a nação e a angolanidade de uma forma muito mais complexa que seus contemporâneos, bem como atentava-se para a heterogeneidade local.

Como uma proposição de pensamento crítico sobre essas questões, consideremos que os inícios dos estudos antropológicos não negam seu caráter intrínseco de fetichização pelo exótico. Nesse sentido, Descola afirma que a “antropologia se interessa pouco pelas semelhanças, pois conhecemos relativamente bem as semelhanças da espécie humana.” (DESCOLA, 2016, p. 33). Todavia, parece que o trabalho ficcional-etnográfico de Ruy Duarte supõe o contrário. Isto é, ao contrário do interesse da antropologia, o autor-narrador se interessa pelos encontros. No entanto, ele complexifica o fazer etnográfico ao pôr em dúvida os limites da antropologia, visto que, ao mesmo tempo que se volta para os estudos dos angolanos para os angolanos, também destaca o ineditismo no caso da resistência à ocidentalização dos pastores Kuvale. Esse grupo étnico é composto por pastores transumantes⁵ do sudoeste de Angola e são constantes interlocutores nas obras de Carvalho, principalmente em *Vou lá visitar pastores* (1999), que se trata de um relato etnográfico ficcional sobre os Kuvale. Vê-se, então, uma terceira dobra da etnografia: ter os pastores como destinatários, não apenas como objetos de estudo. Sendo assim, há um esforço, evidente na construção das narrativas, e explícito em entrevistas⁶, de etnografar Angola para os próprios angolanos.

Ao resgatar essas discussões de aproximação entre determinadas ciências do século XIX e XX e processos neocolonizatórios, lanço perguntas sobre a relação dessa biblioteca colonial na narrativa *A terceira metade*, de Ruy Duarte de Carvalho. Dessa forma, as diferentes zonas de contato⁷ entre pastores e diferentes

5 A transumância é uma prática de sociedades nômades, como os Kuvale, de migrar para área propícias para criação do gado de acordo com as estações do ano.

6 Cf. Entrevista realizada por Raquel Santos na RTP (Rádio e Televisão de Portugal) em 14 de jul. de 2003. Disponível em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/ruy-duarte-de-carvalho-2/>. Acesso em 24 de abr. de 2022.

7 Termo de Mary Louise Pratt para designar “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo” (PRATT, 1999, p. 27).

doutores da ciência no romance são propulsores para a análise. Considerando essa conjuntura, o que surge desses encontros? E de que forma a ciência é representada nesses contextos?

Teorias trindadeanas

A terceira metade traz uma perspectiva multifacetada e heterogênea de Angola, em contraponto ao colonial uno e comum que ainda persiste em alguns estudos contemporâneos sobre as literaturas de língua portuguesa em países africanos. O livro aprofunda a história, e também itinerário, do tio da mulher de Severo (SRO), o mais-velho Trindade, cozinheiro de origem talvez banta hererizadas/kuvalizada que acumula não só idades e paisagens como também cosmogonias. Os personagens estão enredados, de formas diversas, na história colonial de Angola e de Namíbia, já que a maior parte da narrativa se passa justamente na interseção entre esses dois países. Assim, o narrador – que se borra com o autor – entende que há uma história de migrações bantas e não-bantas que precederam a Angola pós-colonial. O que esse narrador se põe a fazer, portanto, é justamente trilhar a estrada já percorrida por essas pessoas heterogêneas e de vidas fronteiriças, como o Trindade e o Severo.

No introito do romance, acompanhamos a busca do narrador por Trindade, no Kambeno – fronteira com a Namíbia –, para que o Trindade entregasse as fitas cassetes com rezas “da sua inteira lavra, gravadas” (CARVALHO, 2009, p. 18). Essa procura é motivada pelo fim do livro anterior da trilogia, *As paisagens propícias* (2005). Severo, protagonista deste segundo livro e alcunhado como “o branco da Namíbia”, pede para o Trindade gravar, em português, suas rezas na fita. No entanto, transcorridas muitas histórias, paisagens e digressões ao longo das mais de 300 páginas de *A terceira metade*, no final, o leitor juntamente com o narrador se deparam com a não existência dessas fitas. Em outras palavras, o narrador viaja em uma busca, concomitante com a construção da escrita, de fitas de rezas que o Trindade fez para ensaiar para antepassado, todavia as fitas e as rezas não passam de metáforas da motivação desse encontro entre narrador e personagem – que, por sinal, torna-se narrador em determinada altura da história.

O destaque que fazemos nessa narrativa é para a figura do Trindade e

de suas relações sociais ao longo de sua trajetória. Nascido em 1922, Trindade é um cozinheiro mucuíssu negro “de matos e de acampamentos” que possuía uma memória privilegiada (p. 21). Nasce em Serra da Neve, mas passa a infância em Lucira. À altura que conhece o autor, ele já não era mais cozinheiro e tinha seus oitenta e tantos anos, um homem que “tinha acompanhado a maior parte do século vinte e entrava agora pelo vinte e um implicado, sempre, mais nas razões dos outros do que nas suas, até se garantir um espaço no limite da margem da última fronteira, à margem, sempre...” (p. 22).

Trindade é, portanto, produto de um território de fronteira, sendo ele mesmo, segundo o próprio narrador, uma terceira metade da encarnação de outros olhares, outras perspectivas em apenas um homem: “ocidentalizado e bantuizado, feito homem só de tudo quanto ouviu, aprendeu e intuiu...” (p. 357). Além disso, kimbalizou-se na Twykeya. Dito de maneira mais clara ainda, não nasceu ocidental nem banto, mas dissolveu diferentes identidades, atravessado por diferentes grupos, por meio de uma dissolução pela via do processo de modernidade e/ou ocidentalização.

Além de todos esses processos migratórios que marcaram a trajetória identitária de Trindade, ele passa grande parte de sua vida a lidar com brancos e a ouvir doutores (p. 226) por meio de suas sucessivas missões com toda sorte de doutores europeus e norte americano: engenheiro, entomologista, geólogo, botânico, médico, músico e agrimensor. Essas intervenções ocidentais iam, segundo o autor-narrador, “desmultiplicando a inteligência do como e do porquê de certas coisas do mundo...” (p. 131). A ciência europeia daquele período seria, então, nesse caso, um agente no apagamento dos saberes e inteligências do não-ocidentalizado?

Em parte, a narrativa aponta que sim. Entretanto, Trindade, contrapondo-se a SRO, assume uma postura dialética, na qual tenta, em alguns momentos, fazer uma síntese. Se de um lado temos SRO, alcunhado como demolidor, com traços de cinismo ao sempre atribuir culpa à expansão ocidental; de outro, encontramos o Trindade considerando a culpa proveniente tanto de branco como de preto, posto que é “sempre gente” (p. 345). Dessa forma, o romance polifônico de Carvalho apresenta esses dois discursos – e outros mais ao longo da narrativa, como o do K. – como antagônicos, mas paradoxalmente dialéticos em outros momentos.

A partir da escrita digressiva que, muitas vezes beira o ensaio, o autor-narrador esboça uma conceituação sobre a distinção entre escrita literária e escrita científica. Vejamos:

.....a literatura recoloca em situação, conforme ao que é ou virá a ser a expressão do seu tempo, as questões que são sempre as mesmas em qualquer tempo ou em qualquer lugar e a que a literatura não pretende dar respostas mas sim recolocar conforme dá para acrescentar segundo cada tempo em cada lugar..... é isso que distingue a escrita literária da escrita científica e mesmo da escrita filosófica..... a literatura recoloca situações, questões em situação, a filosofia coloca de cada vez as mesmas questões e busca-lhes repostas que se acrescentam às respostas anteriores sem as anular, e a análise da ciência procura respostas para questões que respostas anteriores suscitam, impõem, pedem, destinadas só mesmo a serem por sua vez invalidadas e recolocadas a seguir....será esse o trabalho sucinto dos analistas.....⁸ (CARVALHO, 2009a, p. 321)

A literatura, aqui, distingue-se por não “pretender dar respostas” e as perguntas não respondidas costuram a narrativa, refletindo a ideia de que “mais que o achado vale sempre a busca” (CARVALHO, 2007), assim como no primeiro livro da trilogia, *Os papéis do inglês*, no qual o mistério em torno do suicídio do personagem principal, Archibald Perkins, não ganha destaque, mas sim a viagem-investigação. Em *A terceira metade*, o percurso da busca pelo conteúdo das fitas – as rezas – é o protagonista, visto que o próprio conteúdo inexistente.

Vale destacar que a citação acima é sucedida pela interrupção de Trindade para tecer comentários sobre o discurso de Severo. O discurso deste último era nutrido por uma raiva dos acadêmicos e “dos equívocos que derivam por causa da escrita ser também um instrumento deles, o que transforma a todos em escritores, e do saber fragmentado e fragmentário dos analistas e acabou [Severo] proclamando (...) que para ele só poesia mesmo.....” (CARVALHO, 2009, p. 322).

Severo faz jus a sua alcunha de “demolidor” ao confrontar o saber-poder dos acadêmicos e analistas. Ele estende sua raiva às Ongs, que segundo o personagem em *As paisagens propícias*, não passam de “emanações tributárias

⁸ Os sucessivos pontos na escrita de Carvalho são recorrentes em suas narrativas e, até mesmo, textos teóricos. Ele chama de escrita críptica na qual se refere aos silêncios da fala.

do império civilizocentracionário global” (CARVALHO, 2005a, p. 287). Há, portanto, uma trama complexa de discursos heterogêneos em *A terceira metade*, pois os personagens dialogam com a tradição ocidental e a ciência dos “doutores” interlocutores em um processo simultâneo com o enfeitamento dessas “cosmoagonias” impostas pelo processo colonizador de assunção de um progresso compulsório.

Considerações finais

O livro de Ruy Duarte de Carvalho faz um texto-percurso que atravessa várias áreas do conhecimento institucionalizadas no Ocidente. Por vezes, como suporte metodológico-narrativo, por vezes como crítica irônica à estreita relação destas com ideias imperialistas. Uma das que recorreremos como modo de ler é a geografia, mais especificamente a cartografia.

O mapa da contracapa de *A terceira metade* é uma representação da migração histórica dos povos no continente africano. Essa cartografia parece uma metonímia da própria “transmigração” que atravessa a vida de Trindade, que passou a infância e juventude em processos de bantuiização, mas também se ocidentalizou nos diferentes trabalhos que assumira, inclusive ocidentalização do léxico que transita entre geologia e pastorícia. Ele seria uma representação do que o narrador chama de devir mestiço universal. No entanto, o que ocorre com a personagem no final da vida é justamente o contrário do rumo do progresso, visto que Trindade

tinha passado a vida a lidar com brancos e a ouvir engenheiros e doutores e ainda assim, desde a Chibiba, desde a virada para a independência, enquanto a maioria do povo acelerava a sua ocidentalização, e era esse o rumo da história porque quer queiram quer não a história tem um rumo, o rumo dele, com aquele mergulho na Tyikweia, estava a ser o de um reforço de bantuiização tal como estava a acontecer por enquanto aos mucubais, que eram também minoria..... eis um exemplo de um nó da história o efeito daquele salto da história, ali, com a insularidade estabelecida pela falta de relação com o mundo exterior (....) (CARVALHO, 2009, p. 231)

Trindade, portanto, era um nó na história da modernidade enquanto progresso. As estórias dessas personagens – Trindade e SRO – são interpostas não só de nós de convergências, mas também tensão entre as zonas de contato. Os dois são angolanos atravessados por uma gama diversificada de saberes que formulam suas próprias teorias a partir de suas experiências sociais e, principalmente, com o espaço. Tendo dito isso, as teorias de cosmovisão dos povos do sul se entrecruzam na voz de Trindade ao escrever a “teoria geral do silêncio”, os “7 sóis e os 28 nós” e “os 7 nós das palavras” que, ao explicá-las ao narrador, diz “aguenta entender.... não lhe dá vertigens??” (CARVALHO, 2009, p. 407).

Assim como a fala de Marandola Jr. (2020) sobre a geografia mais que extensiva, parece que não temos palavras que contemplem o conceito da geografia de Trindade, até porque tentamos explicar de acordo com uma lógica ocidental. “aguenta entender?” É isso que o autor ensaia na narrativa. Ele se empenha em criar um personagem cheio de travessias ocidentais e não ocidentais, como o Trindade e como o SRO, para formularem teorias e discursos que não se encaixariam nessa logicidade eurocêntrica.

Essa teoria trindadeana é baseada, sobretudo, no convívio com os pastores, com SRO, com o amigo Tom, na voz do chacal, com os sonhos no Cabo das Agulhas, com as serpentes do Vitivi, etc. Tudo isso passa, por conseguinte, por uma reação ficcional ao laivo de colonialidade no pós-independência, a qual se funda por uma epistemologia do sul, se for por vias de Sousa Santos (2010), por uma gnose africana, se por vias de Mudimbe (2019), mas se for a Ruy Duarte de Carvalho, por um paradigma neanimista⁹.

A hipótese aqui é a de que a estória de Trindade pode trazer vislumbres de enfrentamento da colonialidade, a qual, segundo Marandola Jr., constitui “ela própria um regime de visualidade que substancializa o olhar condenando a paisagem a uma carcaça sem vida, desencarnada” (MARANDOLA, 2020)

Luiz Carriso disse, como citado na epígrafe deste artigo, que a colonização deveria ser realizada por meio da investigação científica. Em contrapartida, a narrativa ensaística duarteana reconhece o estreitamento entre ciência e colonização ao citar a biblioteca colonial, mas põe em risco os limites

9 Cf. CARVALHO, Ruy Duarte de. “Decálogo neo-animista”. Site *Buala*, 2009. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/decalogo-neo-animista-ruy-duarte-de-carvalho>. Acesso em: 16 de mar. 2019.

dos gêneros científicos e confronta os discursos acadêmicos, assumindo um viés descolonizador. Em suma, *A terceira metade* dessubstancializa a ciência e tira-a da íntima relação com a colonialidade, propondo, na ficção teorizante, um giro paradigmático no qual as cosmogonias do sul são protagonistas e a poesia abre caminhos.

Referências

AMARAL, Paulo; RAMIRES, Alexandre; SALES, Fátima; FREITAS, Helena. **Missão botânica**: Angola 1927-1937. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2005.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Vou lá visitar pastores**. Lisboa: Cotovia, 1999.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **As paisagens propícias**. Lisboa: Cotovia, 2005.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Os papéis do inglês**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

CARVALHO, Ruy Duarte de. **A Terceira Metade**. Lisboa: Cotovia, 2009.

DESCOLA, Philippe. **Outras naturezas, outras culturas**. Trad. Cecília Ciscato. São Paulo: Editora 34, 2016. (coleção Fábula)

SERRA, Carlos. “Introdução: africanidade que luta”. IN: KAJIBANGA, Victor; MANCE, Euclides André & OLIVEIRA, Reinaldo de. **O que é filosofia africana?** Lisboa: Escolar editora, 2015.

LATOUR, Bruno. **Jamais formos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994

LEIRIS, Michel. “O etnógrafo perante o colonialismo”. In SANCHES, Manuela. **As malhas que os impérios tecem**: textos anticoloniais e contextos pós-coloniais. Lisboa: Edições 70, LDA, 2011.

MARANDOLA Jr., Eduardo. “Paisageabilidade: o oculto translúcido na literatura ou por uma fenomenologia do olhar que lê”. Mesa-redonda Continentes de representações: geografias descoloniais através de literaturas nacionais, do **Congresso Abralic**, 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KFnk8ZJfoLE>. Acesso em 11 de novembro de 2020.

MUDIMBE, V. Y. **A invenção de África** – gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Trad. Ana Medeiros; Edições Pedagogo: Portugal; Edições Mulemba: Luanda, 2013.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem de transculturação**. Bauru: Edusc, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010

O conteúdo deste texto é de total responsabilidade de seus autores.